

## **NAS TRILHAS DE UM AVENTUREIRO: UMA LEITURA SOBRE AS EXPEDIÇÕES DO BARÃO DE LANGSDORFF**

Kleber Sienna

UFU

kleber\_sienna@hotmail.com

A pluralidade da natureza do Brasil há séculos desperta o interesse de estudiosos e pesquisadores de distintas regiões do globo. Desde o florescer da ciência contemporânea junto da ação de viajantes em busca de descobertas, a biodiversidade Brasileira é alvo de intensas pesquisas e descobertas. O século XIX e as sucessivas guinadas científicas, conjuntamente com o espírito aventureiro de exploradores desta época, foi um espaço temporal no qual se destacou importantes descobertas sobre o meio ambiente por meio da descoberta do próprio território nacional. Viajantes europeus vinha até os trópicos patrocinados por seus governos, particulares ou por fortunas pessoais, e aqui investiam suas pesquisas. O Barão de Lagsdorff foi um desses aventureiros que adentrou o nosso território em busca de novas descobertas. O presente trabalho busca compreender um pouco sobre esse universo de descobertas e, por meio dos relatos escritos no diário de Lagsdorff, traçar um pouco do perfil das viagens e as características típicas do universo no qual Lagsdorff se inseria no avançar de sua expedição.

Palavras chaves: Barão de Langsdorff, contexto diplomático Rússia- Brasil, expedição, biodiversidade, descobertas.

“O senhor encontrará, em seu caminho, centenas de indígenas – a maioria deles tem relações amistosas com os brasileiros; bandos de aves aquáticas totalmente desconhecidas...; peixes fluviais dos quais nunca se teve notícia; insetos de cuja existência nem se suspeitava... se admirará, todo dia, com a quantidade de pássaros novos... navegará os maiores rios da terra” (Diário de Langsdorff, 22 de novembro de 1825)

Os fragmentos acima correspondem à resposta a pergunta de Langsdorff feita ao Dr. Engler a respeito do melhor caminho a ser percorrido pela expedição: “aquele até Goiás, ou aquele até Cuiabá?”. Essa resposta o auxilia compreender muito do imenso universo a ser aqui desbravado pelos pesquisadores fascinados por uma natureza tão rica que ainda hoje, quase dois séculos após aquela resposta ser oferecida, continua apresentando novas descobertas.

O Barão de Langsdorff foi um desses exploradores que, sob patrocínio do governo russo montou uma expedição que percorreu várias regiões do Império Brasileiro, realizando descobertas e coletas esplêndidas.

O presente trabalho visa observar quem era esse homem, o contexto que possibilitou a sua vinda para o Brasil, e através da leitura de seus diários, analisar alguns pontos da

expedição por ele conduzida rumo ao interior do Brasil como as descobertas, curiosidades, o cotidiano, e as dificuldades encontradas por Langsdorff e sua equipe.

Georg Heinrich von Langsdorff, conhecido como Barão Langsdorff, era natural da Alemanha, nascido em Wollstein em 18 de abril de 1774, posteriormente naturalizou-se russo. Filho do prefeito do local, Langsdorff teve a possibilidade de estudar em excelentes instituições como os ginásios de Buchweiler e Idstein e completando os seus estudos na Universidade de Göttingen, onde se doutorou em medicina e se especializou em ciências naturais. Segundo os seus contemporâneos, Langsdorff era uma pessoa ativa, incansável e apressada.

Langsdorff foi nomeado cônsul geral da Rússia no Brasil, ao onde, além de tarefas científica e naturalistas, vai oferecer uma contribuição de grande importância para as relações diplomáticas entre os dois países.

O êxito de Langsdorff na Rússia deve-se, além de seu contínuo esforço, à algumas reformas radicais propostas por Petr I ainda no final do século XVII. Essas reformas buscavam reestruturar a política interna e externa russas juntamente com todos os domínios da cultura. Nesse sentido, teremos uma maior aproximação política com a Europa, estreitando os laços de contado entre a Rússia e os principais países deste continente. Tal aproximação também vai ser visível no âmbito cultural, aonde a arquitetura, artes em geral, ciências e literaturas vão se inspirar nas demais produções europeias.

A aproximação de laços russos não vai apenas se dar com demais localidades europeias, mas também com a América, onde ela ainda mantinha os seus domínios no Alasca e controlava alguns territórios no Noroeste do mesmo continente. Durante esse período, até inícios do século XIX, as relações diplomáticas da Rússia com o Brasil ainda eram demasiadamente superficiais. O Brasil não apresentava para a Rússia importância política e econômica. As relações daquela com o Brasil vão se intensificar apenas após a adesão da Rússia ao Bloqueio Continental realizado por Napoleão Bonaparte na tentativa de estrangular economicamente a Inglaterra.

A aproximação com o Brasil, e outras nações americanas, se processa em meio a necessidade promovidas pelo Bloqueio Continental. A Rússia mantinha importantes relações comerciais com a Inglaterra, e agora ela se encontra privada dessas. A saída encontrada para que a economia russa não entrasse em colapso foi promover o comércio com países da América e da Ásia. Será na guerra de 1812 contra a França que as relações entre Brasil e Rússia irão se intensificar consideravelmente. Ambos os países comungavam do mesmo lado

contra o domínios napoleônicos. Irá ser justamente nesse momento que foi estabelecido no Rio de Janeiro o Consulado Russo, aonde Langsdorff irá tomar posse em 1813

No consulado, Langsdorff vai oferecer uma enorme colaboração para o comercio entre os dois países descrevendo o próspero comércio que aqui eles poderiam encontrar, juntamente com o estabelecimento de uma proposta de gráfico horário para melhor auxiliar os navios russos. Langsdorff permanecerá no cargo até 1815, data da elevação do Brasil à categoria de Reino Unido. Nisso, Aleksei Sverchkov foi designado para assumir o cargo. Mas as atuações políticas de Langsdorff não se encerram aqui, ele ainda exercerá a função de encarregador de negócios.

A elevação do Brasil para Reino Unido favoreceu as relações entre Brasil e Rússia. Neste contexto, Langsdorff começa realizar seus planos de vida futura no Brasil. Nessa perspectiva, se encaixa a compra da Fazenda da Mandioca, localizada numa região próxima à baía de Guanabara. A fazenda Mandioca irá ser um importante palco aonde ocorreram as cenas do desenvolvimento das relações entre brasileiros e russos, seja desenvolvimentos na área da diplomacia como também na área da ciência. Em mandioca Langsdorff recebeu muitos cientistas e pesquisadores e com estes trocou ideias, obteve informações preciosa para s suas pesquisas e também colaborou na pesquisa dos colegas que ali passavam.

Devido a pouca competência do novo embaixador, Petr Balk-Polev, Langsdorff retorna a exercer a função de encarregado de negócios durante o período compreendido entre os anos de 1817 à 1819. Em 1818 vai a Rússia para organizar a sua expedição. Retornando posteriormente em março ao Brasil, Langsdorff observava a iminência da independência política, sendo um simpatizante dessa. Assim, nesse ambiente, preferiu adiar a data de sua expedição e se ocupar com as obrigações diplomáticas.

Mas, ao contrário de Langsdorff, a Rússia não vai observar a independência brasileira com bons olhos, considerando-a como um ato de sublevação contra Dom João VI, assim, como a Rússia não reconhecia a independência, não apenas as relações entre os dois países esfriaram-se como também Langsdorff se viu forçado a afastar-se da Corte do Rio de Janeiro, mantendo o mínimo contato possível com o governo Imperial.

Tais atritos com a Rússia, em certa medida acabaram favorecendo as viagens de Langsdorff, pois, como as relações diplomáticas estavam obstruídas entre os dois países, Langsdorff acreditou ser melhor empenhar o seu tempo a favor de seus trabalhos científicos. Mas também, talvez ainda em grau maior, seu trabalho encontrou muitas dificuldades advindas dos problemas de diplomacia com a Rússia.

As viagens que Langsdorff realizou nesse momento ficavam restritas as mediações da fazenda Mandioca, visto que para poder circular pelas províncias, era necessário conseguir uma autorização especial do governo, além desse buscar receber privilégios alfandegários,. Tal situação se complicava, pois Langsdorff buscava ter o mínimo contato com o Rio de Janeiro. Sob essas perspectiva, também cabe realçar outro motivo que impossibilitou maiores expedições nesse momento, ou seja, o próprio clima de instabilidade política e de segurança que o país passava.

A Independência acabara de ser proclamada, muitos grupos a favor dos interesses portugueses se posicionavam contra a atitude de Dom Pedro I. Os problemas não pararam por ai, em 1823 a Assembleia constituinte foi dissolvida e José Bonifácio, a quem Langsdorff muito admirava e recebia apoio, foi demitido. Durante a década de 20 do século XIX, embora a Rússia ainda resistir no reconhecimento da independência, crescia dentro da corte de Dom Pedro uma profunda admiração por aquele país, colaborando assim para a criação de um ambiente favorável para Langsdorff.

Por fim, somente em 1824, Langsdorff viu a possibilidade de iniciar a sua expedição pelo interior do Brasil, mas os problemas político e econômicos que o país enfrentava fazia com que se limitassem a margem de escolha dos lugares a serem visitados, assim o percurso da expedição de Langsdorff ofereceu seu enfoque às províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Amazônia. Conforme Langsdorff vai adentrando para o interior do país, nota-se em seus registros a mudança ocorrida na paisagem, e as diversas formações de vegetações pelas quais ele vai passando: Mata Atlântica, floresta estacional semidecídua, cerrado e campos rupestres

Em 1825 o jovem Império americano é reconhecido pelos países da Europa. O primeiro deles a reconhecer a independência foi a própria metrópole, Portugal, isso devido em grande parte graças às pressões inglesas, e em seguida a Portugal, a Inglaterra expressa o seu reconhecimento oficial. A Rússia por sua vez não mostrava anseios em mudar a sua postura para com o Brasil, o desejo do governo russo era manter até certo momento o consulado longe de Dom Pedro. Assim, esse jogo de reconhecimento, na medida que afastou o consulado do novo poder imperial que se erguia na América, ofereceu a Langsdorff maior tempo para as suas atividades científicas, colaborando para o melhor andamento da expedição. Nesse momento incentivando a pesquisa de Langsdorff conservando-o afastado de Dom Pedro, os investimentos para a expedição vindo da Rússia foram triplicados.

Nesse mesmo ano de 1825, na Rússia, Aleksandr I veio a falecer, ocorre nesse momento uma tentativa de golpe de Estado manobrada por um grupo denominado

“dezembristas”, os quais exigiam reformas políticas radicais. Langsdorff demonstra preocupação com a vida do novo Imperador e aguarda que este continue financiando a expedição.

A Rússia apenas vai reconhecer a independência do Brasil mediante o agravamento das relações daquela com os turcos. Buscando se fortalecer melhorando as suas relações com a Inglaterra, o império russo vai por fim, em 1827, reconhecer a Independência; tal reconhecimento auxiliou na afirmação do Império Brasileiro diante das demais republicas das Américas que o cercavam. O reconhecimento veio interferir beneficentemente nos projetos de Langsdorff. Agora este podia retornar sem preocupações para o Rio de Janeiro, e tentar conseguir as permissões e os incentivos que achasse necessário, mas, em contrapartida, a expedição teve que ser interrompida devido a uma doença incurável contraída por Langsdorff que afetou suas faculdades mentais.

Langsdorff era médico e não botânico, assim toda uma equipe de profissionais irá o acompanhá-lo durante a viagem. Destacam-se o botânico Riedel e os desenhistas Rugendas, Taunay, e Florence. Junto dessa equipe também encontramos nos relatos dos diários de Langsdorff a presença dos tropeiros que executavam papéis essenciais na organização das tropas de mulas, sem os quais seria impossível realizar uma viagem dessa magnitude naquele período. A expedição também era acompanhada por escravos negros que desempenhavam inúmeras atividades. Em seus escritos destaca a importância das funções e dos membros da expedição.

Langsdorff utilizava como um dos métodos científicos a anotação diária dos eventos, descobertas, cotidiano, geografia, e paisagem por onde eles passaram. A anotação em diário permita, assim, uma elaboração mais sistemática dos relatórios de pesquisa das descobertas. As próprias autoridades portuguesas recomendavam aos cientistas que registrasse diariamente os descobrimentos.

Tais conhecimentos eram de suma importância para o Estado, por que não se constituíam de uma única preocupação científica de catalogação de espécies, mas esses registros também traziam consigo descrições das riquezas das regiões e as possíveis formas de como se tirar da terra essa riqueza, assim, os diários dos pesquisadores e naturalistas podem ser considerados como verdadeiros mapas do tesouro de sumo interesse para o Estado. Resumidamente, os interesses dessas expedições também englobavam questões econômicas e políticas.

Os diários de Langsdorff, enquanto a sua escrita, destacam-se pela não preocupação com o rigor das normas científicas, mas se trata de relatos pessoais, nos quais ele descreve

desde o cotidiano pessoal até as descobertas da viagem, e nessa descrição nota-se que o autor deixa escapar características de sua personalidade como a compulsividade, tenacidade e a auto confiança. Os diários de Langsdorff escrito em grande parte originalmente em Alemão, também contém outros idiomas como, inglês, português, latim, entre outros.

A expedição de Langsdorff por onde passou conseguiu recolher uma riquíssima coleção de espécies que muito contribuiu para os estudos e o melhor conhecimento sobre as riquezas naturais do interior do Brasil. Lagartos, insetos, borboletas, flores, plantas completas (raiz, caule, folhas, fruto e semente) constituíam bons exemplares a serem recolhidos. Entre os pássaros mais observados por Langsdorff estavam araras, papagaios e tucanos. Também se deparou com oríolos, uma nova espécie de Trochilus, garças, andorinhas, Caprimulgidas, gaivotas, procelárias, jacutingas entre outras espécies. Os pássaros eram abatidos e posteriormente empalhados. Um dos dias em que mais se registrou a coleta de pássaros foi em 18 de outubro de 1824, Langsdorff ganhou uma grande quantidade de pássaros que havia sido abatidas pelo senhor José Timóteo apresentado como um amante de caçadas. Nesse dia Langsdorff conclui as suas anotações falando:

“À noite tínhamos mais pássaros que nunca, de forma que fui obrigado a despelar alguns”<sup>1</sup>

Os animais não poderiam deixar de ser alvo da pesquisa de Langsdorff, logo no início de sua expedição ele se atem mais detalhadamente aos animais domésticos encontrados nas fazendas, o tratamento, as formas de criação e reprodução desses. Langsdorff também se depara com algumas espécies de cobras como por exemplo a cascavel, saratinga<sup>2</sup>, sucuri (*Boa Constrictor*), jararaca e outras. No caso especial da cascavel Langsdorff descreve:

“Trouxeram-se também, hoje de manhã, uma cobra cascavel com cerca de dois pés de comprimento. Sua picada é muito perigosa e temida; dizem que não há remédio para ela. O homem comum conhece vários medicamentos infalíveis contra isso;”<sup>3</sup>

Langsdorff não ficou preso apenas na procura de cobras, pelo contrário, buscava registrar toda a fauna com que se deparava abarcando assim, outros animais como coelhos,

---

<sup>1</sup> Diário, dia 18/10/1824

<sup>2</sup> Langsdorff apresenta esse nome nas anotações no dia 26/07/1824, mas de acordo com os pesquisadores que atuaram na publicação do diário, esse é um nome que não reside em nenhum diário da língua portuguesa, sendo que os nomes que mais se aproximariam seria a “saracotinga” e “caratinga”

<sup>3</sup> Diário, dia 05/11/1824

peixe boi, lontras, gambá (de forma mais rara), anta, cervos, capivaras entre outros que preenche a riquíssima fauna nacional.

Os peixes e sua diversidade também chamavam a atenção de Langsdorff, entre as várias espécies por ele registrada se encontram tubarana, piauí, curumatã, papa-terra, pirapitinga, dourados, mandins, piracanjubas, descrevendo-os como se pode observar:

“O Curimatá, um peixe pescado hoje em Jequitibá, é também uma espécie de *Salmão*, mas menos saboroso, pois ele come muito barro. As *primae anales* são laranja; as outras, cor de chumbo”<sup>4</sup>

A diversidade dos peixes brasileiros permita aos exploradores encontrarem todos os tamanhos. Peixes grandes que para serem pescados necessitavam de um equipamento reforçado como é visto na passagem:

“Foram comprados no Rio de Janeiro mais de 1.000 anzóis ingleses para a viagem, alguns para o nosso uso próprio, outros, para troca. As pessoas daqui, no entanto, disseram que eram muito fracos para os peixes de água doce e que, com eles, não iríamos pescar nada: ou iriam se quebrar com a força dos peixes, ou estes arrebitariam o arame dos anzóis e fugiriam com eles. Aqui não é raro se pescarem peixes, sobretudo dourados, com 3 ou 4 anzóis presos na boca. Dizem que os índios preferem pescar os peixes grandes com anzóis; eles os preparam com grandes pregos de ferro.”<sup>5</sup>

Entre os inúmeros animais e plantas a expedição de Langsdorff irá coletar, juntamente com a imensidão de informações que ele irá registrar sobre cada região em que ele passava, Langsdorff se atenta para as plantas medicinais. Ora, o interior do país naquele período se constituía de um universo destituído de uma estrutura de médicos e hospitais, os médicos e a medicina profissional estavam na capital a vários quilômetros de distância dali e as estradas, quando existiam, ofereciam possibilidades quase nulas de se realizar o transporte de doentes, transporte esse altamente inviável. Assim, no meio desse universo distante da moderna medicina, os habitantes recorriam as tradições das ervas medicinais, as benzeduras e a fé.

Como médico, Langsdorff oferece uma atenção especial para as plantas medicinais e as curas tradicionais presentes nas regiões onde percorre. Um caso curioso é referente a cura da raiva transmitida pela mordida do cão, Langsdorff desconfia desse tipo de tratamento:

---

4

Diário, dia 06/11/1824

5

Diário dia 13/05/1826

“Não é raro encontrar cães raivosos na região de São Paulo; muitas pessoas já morreram com a doença. Muitos acreditam que banhos de mar repetidos são o remédio mais eficaz para neutralizar os efeitos da mordida e que, portanto, curam mais rápido...” “Provavelmente as pessoas que se disseram curadas dessa forma, na verdade, não tinham sido mordidas por cães raivosos, igualmente não eram venenosas as cobras que picaram pessoas que pretensamente conseguiram se curar tomando remédios inócuos...”<sup>6</sup>

No decorrer da leitura de seus diários, Langsdorff nos possibilita observar a figura do brasileiro como um povo que, ao mesmo tempo, se demonstra acolhedor e curioso ao buscar o auxílio do barão quando este visita as regiões mais carentes. Com Langsdorff não foi indiferente aos apelos, como médico ele procurou ajudar a muitas pessoas por onde passou, exemplo é um caso ocorrido com a filha de Manoel Pereira da Silva, um velho amigo seu.

“Disseram-me que sua filha, residente a uma légua daqui, estava doente e pediram-me para visitá-la. Diagnostiquei nela o *supressio menstruum* e regresssei cedo com seu marido para a casa do pai dela. Ele também me acompanhou até a Aldeia da Pomba, onde eu tinha os meus medicamentos. Dei-lhe o remédio que achei adequado”<sup>7</sup>

As doenças também são alvo da pesquisa de Langsdorff como os casos de bócio, tal doença no período era muito constante na região de Caeté, aonde segundo o autor dos diários, atingia tanto brancos quanto negros.

O bócio vai ser registrado em muitas outras partes do diário, em especial no dia 10 de novembro de 1826 aonde Langsdorff vai tratá-lo de forma mais minuciosa. Os médicos do período ainda não tinham certeza da causa dessa doença, segundo Langsdorff, umas das teorias alegava que o bócio era causado devido a água da neve, mas o próprio Langsdorff observa que essa não poderia ser a causa do Brasil devido a inexistência da mesma no clima tropical, então, como que o índice do bócio aparecia mais em regiões elevadas, Langsdorff deduz que a causa possivelmente poderia estar na água das montanhas. Langsdorff prossegue mostrando as causas dessa doença:

“...em alguns vêem-se grandes artérias pulsando. A voz das pessoas acometidas de bócio é rouca, um pouco surda, de , de modo que se pode identificar uma pessoa doente mesmo sem vê-la ou apenas vendo-a de longe: basta ouvir a sua voz.”<sup>8</sup>

---

6 Diário dia 25/09/1825  
7 Diário, dia 12/07/1824  
8 Diário, dia 10/11/1826



A bouba também é descrita por Langsdorff, sendo que um de seus negros é acometido pela doença. Langsdorff queria levá-lo para o hospital para ser tratado, mas no fim seria mais viável vender o negro ali do que arcar com as despesas do hospital, é interessante observar aqui a posição de Langsdorff em relação ao negro e essa preocupação em levá-lo a um hospital sendo que tal preocupação não seria muito constante em uma sociedade escravocrata e com poucos hospitais.

Traço marcante dos registros diários de Langsdorff que pode ser citado é a sua descrição da sociedade, das pessoas e as funções que elas exerciam juntamente com a descrição das vilas, de sua riqueza e aquilo nela se faltava, descrição sobre a administração e cultura.

Nota-se em Langsdorff a descrição do perfil por ele percebida, das pessoas, isto é, se são trabalhadoras ou não, caso não sejam e a região é pobre, Langsdorff justifica a pobreza da região em virtude da preguiça das pessoas que não se movem para alterar a situação. O trecho abaixo Langsdorff aborda aquilo que ele chama de “perversão dos costumes”.

“A perversão dos costumes é tão grande aqui como em outros lugares e maior que Barbacena. O desleixo e a preguiça das pessoas superam qualquer expectativa. Com exceção de algumas bananeiras e laranjeiras, não se vê aqui, mesmo com este clima temperado e agradável e com este solo fértil, qualquer plantação, nem de verduras; com muito esforço, conseguimos capim para os animais mais necessitados.”<sup>9</sup>

Uma característica marcante daquela sociedade era o grande número de filhos que os casais poderiam ter como ele constata em seu diário no dia 06/07/1824. Langsdorff também chama atenção para as festividades que ele pôde presenciar quando pelos vilarejos passou. As festas eram marcas desses vilarejos afastados, aconteciam em diversas ocasiões, como para comemorar algo local, para receber alguém importante como um padre, ou um bispo, ou senão, e como ocorria na maioria das vezes, por motivos religiosos, para comemorar alguma festa da Igreja, ou algum dia de um santo.

Langsdorff viveu em um tempo que a sede pela ciência pairava sobre a Europa e outras localidades. Langsdorff embora doutor em medicina, cultivava uma grande paixão pelas ciências naturais e nessas se especializando. Entre seus inúmeros trabalhos também atuou no campo da diplomacia possibilitando um melhor diálogo entre Rússia e Brasil, este último que de desconhecido passa a ser um aliado.

Talvez o legado mais significativo que Langsdorff tenha deixado para a posteridade foi as suas descobertas, através de viagens extremamente difíceis, enfrentando as dificuldades naturais e se aventurando em um interior sem estradas pavimentadas, hospitais, comunicação rápida, ele conseguiu tornar assimilável parte de uma natureza tão rica e misteriosa. Suas descobertas e relatórios ofereceram riquíssimos presentes para o acervo de conhecimentos das ciências naturais, e para as futuras pesquisas que viriam.

Mas a contribuição de Langsdorff não ficou apenas restrita as ciências naturais, as ciências sociais também usufruíram de seus conhecimentos. Langsdorff ao redigir os seus diários não ficava preso apenas a descrição da fauna e da flora, mas também descrevia as casas, as vilas, os costumes, as pessoas e através dos relatos de seu cotidiano, nos é apresentado fortes bases de pesquisa para entender o interior do Brasil no século XIX, entender a vida daquelas pessoas, o que pensavam, o que faziam, como lidavam com a presença de um estrangeiro que se tornava figura célebre para grande parte das pessoas.

### **Bibliografia**

(org.) SILVA, Danuzio Gil Bernardino da; EGG, Márcia Lyra Nascimento;  
KOMISSAROV, Bóris N. **Os diários de Langsdorff**. Volume I, II e III Campinas:  
Associação Internacional de Estudos Langsdorff, Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.